



Keep calm and carry on

Um dia após França e Reino Unido declararem guerra à Alemanha (4 de setembro de 1939), o governo britânico criou o Ministério da Informação, que era essencialmente um ministério da propaganda, com vista a elevar o moral popular em tempos difíceis. Os cartazes com a frase “*Keep calm and carry on*” não chegaram a ver a luz do dia, já que deveriam ser distribuídos apenas em caso de invasão alemã. A fama veio 60 anos mais tarde, quando uma alfarrabista encontrou um velho exemplar e, face ao sucesso que terá tido entre os seus clientes, começou a comercializar algumas cópias. O resto é história de um mundo globalizado.

Volvidos 75 anos, uma invasão alemã é ideia digna de Hollywood – o mundo está diferente, é verdade, mas os próximos anos prometem virá-lo do avesso: o Reino Unido afasta-se da Europa (o *hard brexit* e a aposta do “estado-maior” da UE em fazer da demonização do *brexit* a demonização do Reino Unido afastam-no ainda mais); a Europa afasta-se da América de Trump (os



HUGO NUNES E SÁ
ASSOCIADO SÉNIOR DA PLMJ

comentários do agora presidente ao *brexit* e o seu desejo – travestido de exercício de prognose – de mais *exits*, bem como as reações de alguns responsáveis europeus à sua vitória nas presidenciais, são disso prova); a NATO está fraca (e mais fraca ficou com o atestado de obsolescência que Trump fez o favor de lhe passar ainda antes de se sentar na Sala Oval); os EUA esboçam um confronto com a China (a recente controvérsia do mar do Sul é mero exemplo) enquanto pintam (a óleo) a aproximação à Rússia (objetivo?, as referências ao material escolhido para o quadro de aproximação, o confronto com a China e a debilidade da NATO, ficam para bons entendedores); a Rússia deu uma ajuda (que todos viram mas de que ninguém quer falar) à aproximação americana e vai continuando a testar os vizinhos europeus.

Se é claro que Trump ensaia uma aproximação à Rússia, as recentes declarações de Rex Tillerson (antigo CEO da ExxonMobil, agora secretário de Estado) geraram algum pasmo. Na audiência com o Senado, Tillerson valorizou o papel da NATO e confir-

mou haver uma obrigação de assistência inviolável de Estados membros em caso de ataque armado a algum deles (em contradição com o que defendeu Trump – os Estados Bálticos eram a paisagem do exercício). Referiu ainda estar pronto para implementar novas sanções contra a “agressão russa”, classificando a invasão à Ucrânia de ilegal e dando razão aos membros da NATO por terem um “pé atrás” com Moscovo.

As palavras de Tillerson causaram estranheza apenas aos mais ingénuos: a sua nomeação (em função da estreita relação que criou com a Rússia e o seu presidente, que o honrou com a mais alta condecoração atribuível a estrangeiros) é apenas (mais) um *flirt* entre Trump e Putin. De resto, Trump já esclareceu: as declarações de Tillerson não passavam de meras opiniões.

Em conclusão, devemos manter-nos calmos, sim, mas é um erro seguir caminho como se nada relevante estivesse a acontecer – os maiores males do mundo são como doenças autoimunes: não são assim tão raros e não acontecem só aos outros.